

TRABALHO E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO CAPITAL: O PAPEL DO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

LABOR AND EDUCATION IN THE CONTEXT OF CAPITAL: THE ROLE OF THE TEACHER IN BUILDING AN EMANCIPATORY EDUCATION

Marilya Paula Almeida Marques¹

RESUMO

O papel do docente em uma sociedade contraditório é sempre questionado, em especial pelas forças dominantes, que lançam dúvidas e mal dizeres sob o trabalho docente. Logo, o papel do docente, dentro da formação humanística, vai para além da formação técnica, mas sim, um esforço para a formação de alunos que sejam capazes de integrar o sistema democrático e o respeito dos direitos humanos. Utilizando-se da revisão bibliográfica, de tradição marxista, é possível compreender que o papel do docente, enquanto um trabalho também submetido a ordem social, é dar os alunos as ferramentas teóricas e críticas necessárias para que eles possam, de forma qualitativa, compreender as contradições da própria realidade e agir em face a elas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Trabalho. Educação Emancipadora.

ABSTRACT- The role of teachers in a contradictory society is constantly questioned, especially by the dominant forces, who cast doubt and slander upon teaching work. Therefore, the role of the teacher, within humanistic education, goes beyond technical training; it is an effort to educate students who are capable of integrating into the democratic system and respecting human rights. Using a bibliographic review of Marxist tradition, it is possible to understand that the role of the teacher, as work also subjected to the social order, is to provide students with the necessary theoretical and critical tools so that they can, in a qualitative way, understand the contradictions of their own reality and act upon them.

KEYWORDS: Education. Labor. Emancipatory Education.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados divulgados pela Agência Brasil no ano de 2021, existem no Brasil quase 2,5 milhões de professores, destes, 2,2 milhões estão na

¹ Professora de Direito da Faculdade Mais Palmeiras de Goiás, discente do Mestrado em Direito da Universidade Federal de Jataí, membra do Grupo de Pesquisa Críticas do Direito e Desigualdades Sociais, Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Professora Substituta no curso de Direito da Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0633083385773518>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7405-6974>. E-mail para contato: marilyapaula@hotmail.com

educação básica, logo, 0,4 milhões estão na educação superior e na educação técnica. São, em suma, 2.5 milhões de trabalhadores, que diariamente, entram em salas de aulas, formando milhões de jovens, seja com conteúdos básicos seja com conteúdos direcionados para o ensino profissional e acadêmico.

A grande pergunta que se faz é o papel do docente na formação da sociedade, questionando se o ensino do conteúdo básico dos currículos é suficiente para contribuir com um futuro mais próximo da democracia, dos direitos humanos e respeito às condições humanas.

A compreensão da Educação enquanto uma ideologia específica integrante de uma sociedade capitalista permeada pelas contradições de classe, e o papel da educação enquanto um dos afirmadores e perpetuadores dessa contradição, negando assim a concepção da neutralidade da educação face às situações sociais, é essencial para a compreensão dos limites teóricos e práticos de concepções educacionais que se dizem alternativas e orientar corretamente uma prática social emancipatória.

O docente deve ter compreensão do seu trabalho e do seu papel social dentro desta ordem, buscando realizar a formação de indivíduos que sejam capazes de visualizar criticamente a realidade para além da ordem estabelecida.

Trata-se de uma tentativa essencial para que a função do docente dentro de uma sociedade capitalista se torne mais clara, objetivando, não a famigerada (e utópica) doutrinação, mas sim, o fornecimento de elementos que possam permitir que o próprio discente faça sua análise do mundo que o cerca.

Neste trabalho, buscaremos, limitando-nos a uma referencial teórico marxista, compreender qual seria o papel do docente dentro do mundo do trabalho, quais são as perspectivas teóricas possíveis e qual o papel do docente dentro da educação superior.

Foi utilizado uma metodologia de revisão bibliográfica, dando preferências para dissertações e teses de doutorado de programas de pós-graduação da área da educação, além do livro *Educação para além do capital*, obra do filósofo húngaro Istvan Meszaros, que propõe uma forma crítica da educação e do papel docente dentro do contexto.

Este trabalho, está, então, dividido em três subtópicos, o primeiro realizará a discussão sobre qual o papel do trabalho e do trabalho docente na educação,

caracterizando o conceito de trabalho em Marx, o segundo tratará os processos educacionais e por fim, discutiremos o papel da educação e do docente na formação humanística dos discentes face às contradições sociais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O CONCEITO DE TRABALHO E O TRABALHO DOCENTE

O trabalho humano, sendo este capaz de mudar o próprio mundo, criando ferramentas necessárias para a sobrevivência da própria humanidade. O que diferencia o ser humano de todos os outros seres animais é a capacidade de: 1) relacionar-se com aquilo que produz; 2) a capacidade de visualizar o resultado antes do final da própria produção.

Assim, o trabalho humano de forma geral é o resultado de uma objetivação previa do pensamento do homem. Logo, “É através do trabalho que o homem consegue buscar a realização das suas capacidades criativas, permitindo a manifestação de seu ser essencial e possibilitando a sua afirmação como homem.” (Debastiani, 2017, p.21).

Os produtos do trabalho humano são necessariamente dotados de dois valores, o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso é aquele inerente à subjetividade humana, ligado às necessidades individuais do uso de algum objeto em específico, ao passo que, o valor de troca é a venda da força de trabalho, transferido ao valor da mercadoria, que perde o seu caráter objetivo e se torna uma força abstrata de produção de valores e de apropriação do trabalho, se tornando, por fim, a mais valia. Neste sentido,

O conceito de trabalho produtivo, portanto, não encerra de modo algum apenas uma relação entre a atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto de valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, sorte, mas azar (Marx *apud* Debastiani, 2017, p.22).

É necessário compreender acerca da mais-valia de que ela está submetida ao crivo do capital, através das relações de produção e das forças produtivas de cada tempo e local histórico. Logo, o trabalho foi distanciado dos seres humanos,

em uma relação reificada, possível apenas com a divisão do trabalho, na qual o homem já não consegue visualizar o seu trabalho no produto, sentindo-se então, alheio a sua própria produção.²

Então, o trabalho docente é inserido neste contexto global, imposto pelo sistema econômico, é, uma atividade produtiva, que não produz, por assim dizer, frutos objetivos ou mercadorias, mas terminou-se por si só sendo a mercadoria, uma vez que a função do docente é o ensino, a pesquisa e a extensão, todos estes exercidos face a discentes, os quais serão formados por esses docentes. (Ferreira, 2021, p.7). Logo,

O trabalho docente, força de trabalho intelectual, é mediadora entre o ensino e a aprendizagem e aquisição do conhecimento. É uma atividade que lida com indivíduos que possuem sua própria subjetividade e cultura advinda do contexto familiar e social. Logo, a característica da força do trabalho docente insere-se no conjunto dos trabalhos exercidos pelas práticas sociais não alienadas. (Ferreira, 2021, p.7).

Assim, o trabalho docente, dentro do contexto global do capitalismo, e de trabalho abstrato de formação de discentes, que, de acordo com o ensino padronizado, devem estar aptos apenas para o exercício de funções laborativas.

2.2 PROCESSOS EDUCACIONAIS

De acordo com o que apresenta István Mészáros, em sua obra *Educação para além do capital* (2008), a educação institucionalizada, dos últimos 150 anos, teve como principal propósito o fornecimento de conhecimentos puramente técnicos que fugiam de críticas a realidade, além de terem se tornado um instrumento de massificação do discurso dominante expressando posições que atendem apenas a classe dominante e os seus interesses (Mészáros, 2008, p.33).

² O trabalho entrou em crise. Uma crise que se estende aos dias atuais. Uma crise na qual o trabalho concreto não se vê diluído, impossível de ser destacada por ser naturalmente útil e não pragmático, e por expressar a dependência do homem em relação a vida social, coletiva; mas uma crise cujo trabalho abstrato não mais reside na condição do trabalhador, na classe que vive do trabalho. Porém, é uma crise que inesperadamente abriu portas para que o trabalhador possa se emancipar por meio de apropriação das contradições entre a totalidade do trabalho e a imposição do capital social, das contradições entre as condições das classes sociais (Antunes *apud* Duarte, 2011, p.39).

A educação é essencial dentro do próprio desenvolvimento da sociedade, mas o seu sucesso dentro de uma sociedade é intimamente ligado ao planejamento e às reflexões do processo educacional como um todo. Assim, o processo de aprendizagem e de ensino, primordial na educação, atua na formação do ser humano em si, tendo como objetivo primordial a “a formação do aluno, como ele vai ser capacitado, de quais formas a escola pode ajudar em seu processo de desenvolvimento” (Silva; Delgado, 2018, p.44).

É essencial então salientar que o processo educacional vai muito além do ensino da matéria em si, mas inclui na formação humanística do sujeito, visando além da capacitação o desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito.

De forma geral os modelos de aprendizagem podem ser divididos em: teorias ambientalistas, teorias inatistas e teorias sócio interacionistas. As teorias ambientalistas defendem o aprendizado sendo diretamente relacionado com os ambientes formais de transmissão do conhecimento; as teorias inatistas, por sua vez, compreendem o processo de aprendizagem como sendo inato ao ser humano; e por fim, as teorias sociais interacionistas, que defendem a aprendizagem como consequências das interações sociais, incluindo aí as discussões, o desenvolvimento de pensamentos e outras atividades que possibilitem essa troca de conhecimento (Vesce, Online).

A teoria ambientalista falha ao limitar o processo de aprendizagem a um só local, ligando ao local e não as condições de ensino o processo de aprendizagem, mostra-se um erro, vez que deixa de considerar que o ensino não apenas decorre de situações formais, mas podem ser produzidos, até mesmo, em outros locais fora da “academia”.

A teoria inatista, por sua vez, ao defender que a busca pelo conhecimento é inerente ao ser humano, deixa de considerar que, apesar de que os espaços não são o fator predominante, o acesso à recursos educacionais é um potencializador deste desenvolvimento.

Por fim, a teoria sócio interacionista, que coloca mais atenção na socialização em si, deixa de considerar outros aspectos do próprio processo educacional. Apesar de considerarmos que a socialização é um fator importante, não podemos deixar de salientar outros fatores que podem auxiliar neste caminho.

O processo educacional, é acima de tudo, de formas complexas, e segundo Piaget,

(...)o desenvolvimento e aprendizagem surgem a partir de dois principais princípios: o sujeito que busca o conhecimento de determinado assunto e o objeto a ser conhecido pelo sujeito. Para ele, o conhecimento parte da organização e sistematização das informações; estruturar e explicar os fatos a partir das experiências vivenciadas ((Silva; Delgado, 2018, pag.46)

A predominância do papel do aluno na teoria de Piaget é clara, assim como o desenvolvimento individual do aluno, se colocando assim, em contraponto direto a teoria de Vygotsky que defende a ideia de que o aprendizado ocorre nas relações estabelecidas entre os sujeitos (Silva; Delgado, 2018, pag.46).

Assim, é necessário compreender que as teorias educacionais precisam ser adequadas às realidades objetivas de cada experiência da sala de aula, levando a dois conceitos essenciais: a construção do conhecimento de forma objetiva junto ao aluno, com o aluno sendo parte do processo de aprendizado, trazendo uma situação de troca junto a relação docente-discente e que o processo de aprendizado como um todo deve refletir as condições objetivas de determinado tempo histórico, de forma a fornecer elementos para os discentes de formação de consciência crítica face a própria realidade.

2.3 O PAPEL DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

A divisão social do trabalho reflete sobre todo o complexo de complexos as suas contradições determinando, como já escrito em diversas partes do texto, o pôr teleológico secundário. Ou seja, "(...) das práxis no âmbito das formas ideológicas é necessário reafirmar-se o caráter unitário e contraditório da totalidade do ser social, em particular quanto ao movimento da totalidade social em face das práxis individuais." (Santos, 2011, p.54).

Além do que, nas palavras de Mészáros (2008, p.25), "poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados". De forma que a educação é essencial para o entendimento do sucesso do processo *produtivo* – *reprodutivo* do capital em

todas as suas multifacetadas³. E conforme afirma Mészáros (2008, p.35) “O impacto da incorrigível lógica do capital sobre a educação tem sido grande ao longo do desenvolvimento do sistema.” E continua,

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que *legitima* os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada”(isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas. (Mészáros, 2008, p.35) (grifo no original)

Ao mesmo tempo em que pondera que,

(...) a educação formal não é a força ideologicamente *primária* que consolida o sistema capital; tampouco ela é capaz de, *por si só*, fornecer uma alternativa emancipadora radical. Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou “consenso” quanto for capaz, a partir de dentro e por meio de seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados. (Mészáros, 2008, p.45) (grifos no original)

Ou melhor, a educação formal está profundamente relacionada com as demandas capitalistas, seja ela a necessidade de manutenção do *status quo* seja como ferramenta de produção de mão de obra (O PRONATEC⁴ (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego é um exemplo dessa perspectiva). Mészáros (2008, p.42) afirma, neste sentido, que “(...) as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital”.

³ “Aqui a questão crucial, sob o domínio do capital é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Em outras palavras, no sentido verdadeiramente amplo do termo *educação*, trata-se de uma questão de “internalização” pelos indivíduos – tal como indicado no segundo parágrafo desta seção – da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas “adequadas” e as formas de conduta “certas”, mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno. Enquanto a *internalização* conseguir fazer o seu bom trabalho, assegurando os parâmetros reprodutivos gerais do sistema do capital, a brutalidade e a violência podem ser relegadas a um segundo plano (embora de modo nenhum sejam permanentemente abandonadas) posto que são modalidades dispendiosas de imposição de valores, como de fato aconteceu no decurso do desenvolvimento capitalista moderno” (Mészáros, 2008, p.44)

⁴“O PRONATEC é um programa do Governo Federal Brasileiro criado em 2011 (Lei 12.513/2011) que possui , dentre seus diversos objetivos, o objetivo de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio presencial e a distância e de cursos e programas de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; e estimular a articulação entre a política de educação profissional e tecnológica e as políticas de geração de trabalho, emprego e renda.” FONTE: <http://portal.mec.gov.br/pronatec>. Acesso em Abril de 2017.

De tal forma que a educação pode ser compreendida como uma forma de ideologia ligada à manutenção do *status quo*, que da mesma forma que o direito, mantém a coesão social através da mistificação dos verdadeiros conflitos sociais. Ideologia está que propaga uma versão dos fatos e '*princípios*' sociais que *tentam* ser homogeneamente dominante, exemplificativamente, o Projeto Escola sem Partido⁵ busca cercear a liberdade dos docentes em suas salas de aulas⁶ impondo não uma *neutralidade*, mas uma ideologia compromissada com o capital e contrária a um projeto de emancipação.

Para isso, pensadores como Robert Owen, são utilizados para justificar essas proposições abordadas *falsamente* como universais. R.Owen busca com sua teoria " a reconciliação da concepção de uma utopia liberal/reformista com as regras implacáveis da ordem estruturalmente incorrigível do capital". " (Meszáros,2008, p.31). Assim como Locke que tinha como maior preocupação "(...) combinar uma disciplina de trabalho severa e doutrinação religiosa com uma máxima fragilidade financeira municipal e estatal" (Mészáros, 2008, p.42).

É essencial pensar que uma mudança '*verdadeira*' do sistema educacional é necessária uma mudança da totalidade estabelecida, ou melhor, as contradições presentes na educação só serão superadas no caso de uma superação das contradições sociais do sistema capitalista. Tal constatação aponta de forma límpida os limites das perspectivas reformistas no âmbito institucional educacional (perspectiva esta que muitas organizações terminam por sustentar como se fossem uma solução).

Portanto, seja em relação à 'manutenção', seja em relação à 'mudança' de uma dada concepção do mundo, a questão fundamental é a necessidade de modificar, de uma forma *duradoura*, o modo de *internalização* historicamente prevalecente. Romper a lógica do capital no âmbito da educação é absolutamente inconcebível sem isso. E, mais importante, essa relação pode e deve ser expressa também de uma forma *concreta*. Pois através de uma mudança radical no modo de internalização agora opressivo, que sustenta a concepção dominante do

⁵Neste sentido o Manifesto à convocação da Frente Contra o PL " Escola sem Partido" assinada por diversas entidades. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/noticias/imp-ult-1994796758.pdf>. Acesso em Abril de 2017

⁶Importante remeter ao caso ocorrido no Mestrado em História da UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina) na qual a Prof. Dra. Marlene de Fáveri está respondendo judicialmente por danos morais por ministrar um curso que tinha como temática o feminismo. O processo foi aberto por uma aluna do mestrado. Notícia disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/295021-1> e <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/03/professora-processada-curso-feminismo.html>. Acesso em Abril de 2017.

mundo, o domínio do capital pode ser e será quebrado. (Mészáros, 2008, p.52-53) (grifos no original)

E critica a perspectiva reformista,

A recusa reformista em abordar as contradições do *sistema* existente, em nome de uma presumida legitimidade de lidar *apenas com as manifestações particulares* – ou, nas suas variações ‘pós-modernas’, a rejeição apriorísticas das chamadas *grandes narrativas* em nome de *petits récits* idealizados arbitrariamente – é na realidade apenas uma forma peculiar de rejeitar, sem uma análise adequada, a possibilidade de se ter qualquer sistema rival, e uma forma igualmente apriorística de *eternizar* o sistema capitalista. (Mészáros, 2008, p.62-63) (grifo no original)

Assim sendo, e correndo o risco de cair no repetitivismo, é essencial para a compreensão de um complexo a manutenção de uma visão da totalidade dos complexos sociais e do trabalho enquanto pilar das relações sociais. E que para uma mudança na realidade contraditória é necessário que se tenha a superação das relações contraditórias da sociedade de classe. E afirma Mészáros (2008, p.67) que “Não pode haver uma solução efetiva para a auto alienação do trabalho sem que se promova, conscienciosamente, a universalização conjunta do trabalho e da educação.”.

Assim, visualizando não apenas o contexto educacional é necessário que o docente compreenda primeiro, qual a atual situação da educação superior, para que, com base na realidade, consiga, atuar de forma consciente junto aos seus alunos. Seu papel, então, passa a ser duplo, o primeiro sendo o ensino do conteúdo em si, e o segundo da formação crítica do estudante em si.

O docente, possui um papel ativo dentro da situação global e a formação e propagação de ideologias, de forma que – precisa- ter consciência das contradições reais impostas pelo sistema econômico, ao mesmo tempo em que tenha clareza da sua posição dentro do sistema capitalista, evitando assim, a formação tecnicista em detrimento da formação humanística.

3 CONCLUSÃO

A importância do trabalho dentro de uma sociedade é imprescindível, sendo que em sua forma mais básica está diretamente ligada à própria sobrevivência da humanidade, contudo, a apropriação do trabalho pelo sistema do

capital, que subjuga os trabalhadores e retira deles a força de trabalho, impondo um modelo de trabalho que relega a segundo plano as relações humanas e o bem-estar social dos próprios trabalhadores.

O trabalho docente precisa estar compreendido dentro desta própria lógica, levando em conta que, por não produzir mercadoria objetiva, se tornou a própria mercadoria, de forma que a sua aula acaba sendo o produto do seu trabalho, da mesma forma que um metalúrgico produz peças de metal durante a sua jornada de trabalho.

O docente, precisa, então, ter consciência do papel que exerce dentro da propagação de ideologias, na sua maioria, ideologias dominantes, reproduzindo as desigualdades sociais dentro da própria realidade e na sala de aula.

Cabe então, ao docente, propor em sua sala de aula, adequando os procedimentos educacionais, a realidade contraditória em que todos se encontram, oferecendo às discentes ferramentas necessárias para a formação de um pensamento crítico, livre de ideologias, para então, compreender as contradições sociais e se colocar face a elas.

REFERÊNCIAS

DEBASTIANI, V.J. **Mal-estar docente e síndrome de *burnout*: uma análise à luz da teoria da alienação de Marx**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões – Frederico Westphalen/RS, 2017.

DUARTE, J.F. **Trabalho docente em tempos de neoliberalismo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília – Brasília/DF, 2011.

FERREIRA, I.C. *et al.* **Trabalhador docente: na concepção marxista e na ótica capitalista**. In Anais da SemiEdu, 2021.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital** – 2 ed. – São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, A. A. dos S. **Direitos Humanos e emancipação: uma aproximação a partir da ontologia lukacsiana** – Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Direito da UFSC – CPGD - Florianópolis, 2011.

SILVA, E. A. da. DELGADO, O. C. **O processo de ensino-aprendizagem e a prática docente: reflexões**. In: Rev. Espaço Acadêmico, v.8, n.2, 2018.

VESCE, G. E. P. **Modelos de aprendizagem**. Online. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/modelos-de-aprendizagem/>. Acesso em: outubro de 2022.